

Partido vai discutir questões polêmicas no congresso de 99

Idéia é resolver problemas causados pelas divergências internas e renovar tanto o programa como os estatutos

DOCA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA – O PT deixou para o ano que vem a parte mais difícil de todo o desgaste sofrido nos últimos meses: repensar sua posição entre as siglas de esquerda e decidir que papel quer ter no cenário político nacional. Até lá, os petistas estarão empenhados na terceira tentativa de eleger presidente Luiz Inácio Lula da Silva, testando a primeira grande aliança de um partido que sempre optou por seguir sozinho, mesmo que o destino fosse o fracasso eleitoral.

O congresso de 1999 – o segundo nos 18 anos do PT – fará a radiografia e o tratamento de fissuras antigas que se aprofundaram ao longo do período pré-eleitoral, principalmente no Rio, onde a disputa entre moderados e radicais chegou ao ponto máximo. Fará também uma avaliação franca do resultado da eleição, essencial para o que os líderes petistas consideram a “transição para um novo momento histórico.”

O plano é fazer uma ampla revisão nos estatutos e no programa. Lula já vem criticando o esgotamento da verve petista, que “não está chegando à população.” A idéia é trabalhar em alternativas concretas de administração e políticas públicas, em vez de gritar as críticas de sempre, modernizar o discurso, reaproximar-se dos movimentos sociais e consolidar o respeito às decisões da maioria, cujo primeiro teste resultou na consolidação da aliança com o PDT.

“Está na hora de pensar um novo ideário e modelo de organização; o programa de 1980 está superado”, avalia o deputado José Genoíno (SP). Para ele, é preciso discutir um projeto para o País, com

soluções para temas como emprego, moradia, saúde, economia e segurança. Para o líder do partido na Câmara, Marcelo Déda (SE), “mais do que um programa, o partido precisa deixar claro que é uma opção com governabilidade.”

Alas – Outro passo é compatibilizar as tendências para tornar o partido mais coeso. “O PT passa por um momento de transição, com maior nitidez e capacidade de operar, e a convivência das tendências terá de ser diferente”, diz Déda. Para ele, é preciso definir regras que garantam o respeito às decisões tomadas, independentemente da facção vencedora. “A briga interna não ajuda, ao contrário, é um atraso para o PT: reações radicais não cabem mais.” Mais contundente, o presidente do PT, José Dirceu, promete “banir” o radicalismo.

Para outros petistas, não é o caso de calar as vozes discordantes, mas de achar outra forma de lidar com elas. “Não acredito na tese da divisão, o PT não está rachado”, diz Genoíno, que acha o pluralismo importante para o crescimento do PT.

GENOÍNO:
PROJETO DE
1980 ‘ESTÁ
SUPERADO’

O congresso do ano que vem deverá discutir temas mais amplos, como coligações. “Nossas alianças hoje são muito mais pragmáticas do que programáticas”, analisa Francisco Rodrigues de Alencar, do diretório do Rio. “A política de alianças está corretíssima, o partido não se isolou e não aderiu às idéias que combate”, discorda Déda. “Não vamos atuar só com quem está ao nosso lado, mas também com outros setores”, adianta Lula.

Outro tema é a participação nos movimentos sociais. “O PT perdeu o endereço dos movimentos”, reclama Alencar, para quem o partido se institucionalizou rápido demais. “O PT precisa ser um estreito canal de comunicação com esses movimentos”, diz Genoíno, ressaltando que é preciso desvincular o partido da direção dos movimentos.